



Noites de Insónia

13 julho 2022

Formador: Sérgio Guimarães de Sousa

In: *Vinte Horas de Liteira*, de Camilo Castelo Branco.

XV

OS AMORES DE TERESA

Um destes dias, como eu estivesse acendendo um fósforo da fábrica de Galiza, reparei nas figuras da caixinha. Era um camponês, embebendo num lenço as lágrimas do olho direito; e, com o braço esquerdo estendido cariciosamente a um boi, dizia em espanhol: *En vez de hijos tengo un buey, que me da grandes satisfacciones*. A satírica referência que os nossos vizinhos dão a este dístico não a sei. O que se vê menos mal desenhado é um sujeito, comovido a prantos, afagando um boi, que, à míngua de filhos, lhe dá muita satisfação. Isto, que não é nada sério, nem era possível sê-lo numa caixa de fósforos galegos, a mim tocou-me na alma com singular melancolia, porque me trouxe à lembrança uma história, que António Joaquim me contou, depois que almoçámos em Valongo.

A liteira passou por entre uma grossa manada de bois, que vinha para o Porto, com destino a Inglaterra. Os corpulentos e nédios ruminantes caminhavam tristes, relanceando sobre a ruidosa locomotiva os seus magníficos e lânguidos olhos. Se as duas pessoas, que iam na liteira, fossem gente pensadora, calculadora, e versada em economias políticas e outras ciências atinentes à prosperidade das nações, entrariam a discorrer sobre a conveniência de mandarmos aos ingleses os bois gordos, e comermos os bois magros por alto preço. Recordaríamos espantados a estupidez de nossos pais que comiam bois gordos muito em conta, e eles mesmos andavam gordos, e tinham muito dinheiro, sem mandar bois para Inglaterra. Da censura à ignorância de nossos pais, passaríamos ao elogio dos nossos sábios contemporâneos, e dos magarefes, que aproveitam mais que os agricultores, e que os sábios; e, depois de largo e fundo discursar a propósito de bois gordos, adormeceríamos ambos aí pelas alturas de Rio Tinto, e sonharíamos com as vacas magras do sonho de Faraó, sonho de fome, que, a meu ver, não foi acertadamente interpretado por José. O rei do Egipto sonhava com os açougues de Portugal no século XIX.

– Que magnífica boiada! – disse eu. – O boi é o quadrúpede que mais se parece com um filósofo. Vê tu o passo mesurado, grave, e cadente de um boi! O olhar meditativo! a sisudeza do aspecto! o ar revelativo de um complicado trabalho intelectual que se está elaborando naquela enorme cabeça! Há grandes filósofos inquestionavelmente menos sérios e cogitativos que o boi! Decerto sabes, amigo António Joaquim, a importância social, legendária, simbólica, e mítica do boi na antiguidade.

– Não sei isso bem; – disse modestamente o meu amigo – o que eu sei deste prestadio animal é que a humanidade o come há muitos séculos, e que nos jantares de Cressus e Luculus apareciam bois inteiros assados, e creio que no convento de Mafra também se assavam inteiros os bois.

– Principiando um pouco depois do dilúvio, –tornei eu – saberás que os bois, entre os egípcios, os fenícios, e indostânicos...

– Eram bois – atalhou António Joaquim. –A consideração, que me mereces há muitos anos, e a franqueza com que me trata, anima-me a pedir-te que me não digas nada da importância do boi na Fenícia, no Egipto, e no Indostão. As liteiras são locomotivas próprias e talhadas para esses e análogos discursos; porém, já que, até agora, pudemos aligeirar as horas sem carregarmos o espírito de erudição literalmente bovina, pedia-te que me ouvisses uma historinha de bois em que entra uma paixão das que levam a vida a pique, e uma formosa moça das que a natureza faz com o toque da

sua vara mais prodigiosa de magias.

– É uma história sentenciosa e séria como a dos percevejos de Baltar? – perguntei.

– Não. É triste, e merecia ser bem contada.

A loura Teresinha da Ginjeira era uma rapariga minha vizinha, filha de um bom lavrador. Tinha vinte anos alegres como as alvoradas dos passarinhos. As faces puniceavam-se-lhe como as ginjas que sobre a janela do seu quarto lhe pendiam em festões da corpulenta árvore, que dava o nome à casa do lavrador.

Teresa, quando tinha doze anos, herdou de sua madrinha dois novilhos. O pai deixou-lhos criar como propriedade dela, bem que a mãe os quisesse logo vender, e empregar o produto em ouro para as orelhas da filha. Teresa conseguiu a benquerença do pai aos seus bezerrinhos, e deu-se toda a cuidar deles com muito contentamento. Quando eles, já saciados de pasto, se deitavam nos prados a ruminar, Teresa sentava-se entre eles, anediava-os, acariciava-os, e adormecia com a cabeça apoiada nos moles flancos dos imóveis almalhos, que a remiravam com ternos olhos. Se mugiam, Teresa cuidava que os seus novilhos chamavam pelas mães; e, compadecida, redobrava carícias, e lá se ia - às pradarias a colher abadas das ervagens, que eles escolhiam e mais saboreavam nos almargeais. Quando eles, já touros, mugiam com mais estrondo, Teresinha cuidava ainda que eram saudades das mães, e afagava-os, dizendo-lhes branduras com tanto sentimento, que os boizinhos pareciam atentados a escutá-la. Não eram já saudades o mugir dos lustrosos e irrequietos touros: era uma voz de brado ingente formado por todas as vozes de todos os seres, que vivem debaixo do céu. Buffon, o intérprete do touro, diz que o seu mugido é amor: *Le taureau ne mugit que d'amour*. Da vaca não diz ele o mesmo: é medo e terror o que lhe desentranha os berros prolongados...

– Se não queres – interrompi eu – que discorra acerca da importância que tiveram na Fenícia, no Egipto, e no Indostão os bois, dispensa-me de saber a razão por que berram as vacas. Esses conhecimentos linguísticos podem interessar aos vaqueiros, e aos professores de filologia.

– Pois tens razão, que eu, se me não atalhas, ia ensinar-te um vocabulário muito mais inteligível que as raízes das línguas afegã, pelvi, e indostânica. Fica na tua ignorância, e vamos aos tourinhos de Teresa.

Chorou amargamente a moça quando os seus bezerros, ao terceiro ano de idade, foram submetidos ao jugo. Pediu ela que a deixassem guiá-los no ensino. Os touros obedeciam à voz dela, e não obedeciam à agulhada do lavrador, que lhe ensanguentava os ilhais. Teresa podia lavar aquele sangue com o seu pranto.

À primeira vez que os jungiram ao cabeçalho de um carro de lenha por uma ladeira íngreme, os bois gemiam, fitando na sua amiga os olhos baços e mortiços como se os desvidrassem as lágrimas. A moça, no dia seguinte, não engoliu bocado, e passou as horas de sesta na corte dos bezerros a refrigerá-los com o pendão do milho, colhido na frescura da manhã. O lavrador fez-se de fel e vinagre com a tolice da rapariga, e chegou a ameaçá-la de vender os touros na primeira feira, para acabar com as «invencionices) como ele chamava à compaixão da filha. Teresa prometeu nunca mais queixar-se, com a promessa de lhe não venderem os seus boizinhos.

O que ela fazia era esconder bons bocados para os mimosear à hora do descanso. Dava-lhes farinha na água, batatas cozidas, abadas de espigas, tudo que por baixo de mão podia carrear para um recanto da corte.

Aos seis anos de idade a junta de bois do meu vizinho era a mais chibante e guapa das dez freguesias em roda. Não lhe faltava um só dos sinais que revelam a perfeição de um boi: cabeça curta, pontas negras, testa ampla, orelhas grandes, aveludadas e unidas na raiz, olhos rasgados e escuros, focinho grosso, ventas bem abertas, beiços cor de

azeviche, pescoço carnudo, espáduas anchas, papada. até aos joelhos, rins largos, flancos salientes de polpas musculares, membros reforçados, lombo direito, cauda pendente e farta de cabelo, couro flexível e espesso, pêlo sedoso, macio e encaracolado na testa.

– É a descrição mais completa que tenho ouvido de um boi! – observei eu. – Parece incrível que tu, assim conhecedor e entusiasta da parte plástica e escultural do boi, me não tenhas permitido que eu te contasse a importância do boi no Egito...

– Na Fenícia, e no Indostão – acudiu ele com um sorriso de ignorância filauciosa. – Pois não sei que mais te possa dizer da admirável junta de bois, que continuavam a ser os afectos de Teresa. O lavrador, se a feira caía em dia santificado, punha-lhes as cabeçadas ricas de frocos escarlates, e lá ia com a sua junta desbancar as melhores concorrentes. Se lhos punham a preço, pedia duzentos mil réis por dizer alguma coisa; e Teresa fazia-se de mil cores, receando que o comprador oferecesse algumas poucas moedas menos, de modo que o pai cedesse à tentação. Os dias de feira para a pobre moça eram dias de inenarrável flagelação.

Tinham os bois assumido a sua máxima corpulência. Orçavam por nove anos, e pesariam, cada um, trinta boas arrobas.

O pai de Teresa foi convidado a comprar uma bouça, que partia com terras dele. A bouça estava a preço de quarenta moedas, e o lavrador não as tinha. Os bois haviam medrado muito, e pouco trabalhavam já, de pesados e inertes que se iam fazendo de dia para dia. Pensou em vendê-los; reflectiu alguns minutos na aflicção da filha; a mulher disse-lhe que não fosse basbaque, e fizesse o seu negócio. De feito, o cruel vendeu os bois a ocutas da moça, recebeu o sinal, e ficou de receber o restante no Porto, onde ele havia de conduzir os bois ao embarque.

Soou logo na freguesia a nova da venda. Nunca se haviam vendido bois por tão alto preço. Era a questão do dia nos serões²⁷, nos adros das igrejas, e nas safras. Teresa, ao sair da missa, ouviu palavras que lhe assaltaram o coração como frechas dilacerantes. Eram de um velho que lhe dizia: – Quarenta moedas de ouro! Vê lá tu, rapariga, no que deu a herança de tua madrinha! Teu pai bem pode dar-te um cordão de dois arráteis! – Não que ele, – disse um invejoso – vendeu os bois para comprar a bouça, e à filha não é capaz de lhe dar umas socas!

Teresa já não ouviu as derradeiras palavras. Prorrompeu num alto choro, que parecia finar-se de angústia. Acercaram-na mulheres saídas da igreja, e a mãe entre estas. Umas riam, outras choravam, sabida a causa de tamanha lamúria. Mas a mãe, para dispersar o ajuntamento, levantou a filha de repelão, deu-lhe um murro nas costas, e fê-la apertar o pé diante de si.

Teresa chegou a casa, foi à corte dos bois vendidos, e abafou os gritos no pescoço deles em que se abraçava com vertiginosa ansiedade. Levaram-na dali a empurrões, e obrigaram-na a tomar de sobre a mesa a tigela do seu caldo. Os soluços resistiram à violência da deglutição. A atribulada moça pediu de joelhos que a deixassem ir para a sua cama, que estava a morrer de frio.

Quando isto me contaram, pedi ao lavrador que deixasse ser visitada sua filha pelo cirurgião de minha casa. O alarve riu-se, e disse: «O remédio era desfazer a venda, e deixar morrer os bois em casa». – E vossemecê antes quer que lhe morra a filha? – repliquei. O lavrador espirrou-me uma cascalhada alvar no rosto, e exclamou: «O senhor não me parece homem de estudos! Já se viu neste mundo morrer alguém pra mor de uns bois?»

²⁷ Na 1ª ed.: *sarãos*. Nota do revisor: SARÃO (Do Dic^o Morais, 10ª ed., que transcreve na íntegra esta passagem): Corruptela de serão.

Na 2ª ed., revista por Camilo, *sarãos* aparece no entanto corrigido para *serões*.

Teresa tinha ataques febris todos os dias, e secaram-se-lhe a este fogo as lágrimas. O lavrador consentiu que o cirurgião lhe visse a filha, e já não se riu quando o facultativo lhe disse:

«Eu creio poder asseverar-lhe que sua filha morre.» – De quê?! perguntou o pai. «De saudades dos seus bois.» – E então não há cura nenhuma? – retorquiu ele. «Há. Deixe estar os bois: espere que sua filha tenha marido, ou afeição que a distraia dos bois que ela criou, e, depois, venda-os.»

O lavrador não tinha outra filha. Consultou a mulher, a qual, abalada pelo susto do marido, sentiu em si um estremecimento de coração maternal. Foram à cama da doente, e disseram-lhe que já estava desfeito o contrato. Foi orvalho do céu, que choveu sobre a flor queimada. Purpurearam-se-lhe as faces; acelerou-se-lhe o pulso com a febre suavíssima da alegria. Quis logo erguer-se, amparada às mãos dos pais, que beijava sofregamente. Não tinha forças; mas o júbilo deu-lhas milagrosas. Desceu à corte, e rompeu em veementes e amoráveis apóstrofe; aos bois, que a farejavam, e lhe afumegavam as faces e mãos. Presenciei este lance, e não pude suster as lágrimas.

Reviçaram as graças peregrinas de Teresa em poucos dias.

Este caso deu-se há quatro anos. Os bois têm hoje catorze. O lavrador espera que a filha se incline a outros afectos mais racionais para vender aos ingleses a carne rija daqueles dois ditosos quadrúpedes. Suspeito, porém, que eles hão-de morrer velhos, encostando a rugosa cabeça no regaço de Teresa. Quando isto acontecer, pode ser que o coração da minha formosa vizinha se dedique a algum outro animal menos doméstico, e menos agradecido.

– A tua vizinha – disse eu – em quanto a mim, se não é fabulosa como a Pasifaé, tem instintos e coração de vaca! Perdoa-me, se não choro enternecido com a tua história. É certo que as lendas antigas contam casos, que têm sua referência, mais ou menos mitológica, simbólica...

– Vais-me contar a importância dos bois no Egipto, na Fenícia, e no Indostão?... Peço licença aos teus leitores para te mandar bugiam... Não entendeste o coração da pobre Teresa!... Tu só entendes o amor ao boi, desfeito em bifes ou almôndegas!